

# Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas

Sudeste do Pará

PROJETO

## Mapeamento Social

como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS



# 5



**NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA**





**Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu MIQCB – Regional Pará**

Ana Cileide dos Santos COORDENADORA EXECUTIVA

**Grupos de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu**

Assentamento 21 de Abril, Vila São José, Vila São Benedito, Vila Santa Rita, Vila Itamerim, Ponta de Pedra do Araguaia, Palestina do Pará e Vila São Raimundo

**Cooperativa do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – CIMQCB**

Cledeneuza Maria Bezerra Oliveira PRESIDENTE REGIONAL

**Comunidades participantes da Oficina de mapas**

PA 21 de Abril, PA Castanhal Araras, PA Castanheira, Vila São José, Vila São Benedito, Vila São Raimundo, Vila Santa Rita, Vila Itamerim, Ponta de Pedra do Araguaia, Palestina do Pará

© UEA-Edições – Manaus, 2014

**COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO**

Alfredo Wagner Berno de Almeida  
PNCSA-CESTU-UEA /PPGAS-UFAM/CNPQ

**EQUIPE DE PESQUISA**

Rita de Cássia Pereira da Costa, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Cristiano Bento da Silva, Mayka Danielle Brito Amaral, Maria Raimunda Barbosa

**ÁUDIO**

Maria Raimunda Barbosa, Rita de Cássia Pereira da Costa

**EDIÇÃO**

Rita de Cássia Pereira da Costa

**CARTOGRAFIA**

Thiago Alan Guedes Sabino, Rita de Cássia Pereira da Costa

**REVISÃO CARTOGRÁFICA**

Carolina Silva

**LEVANTAMENTO DE PONTOS DE GPS**

Rita de Cássia Pereira da Costa, Mayka Danielle Brito Amaral

**FOTOGRAFIAS**

Mayka Danielle Brito Amaral, Rosa Acevedo Marin, Cristiano Bento da Silva, Rita de Cássia Pereira da Costa

**PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO**

DESIGN CASA 8

**Participantes de Oficina de mapas, 18 junho 2013, em Vila Santa Rita: Ana Cileide dos Santos, Ana Ilsa dos Santos, Benizio Barbosa dos Santos, Canuta Ferreira do Nascimento, Cláudia Maria Bezerra Oliveira, Cledeneuza Maria B. Oliveira, Cleonice Gomes da Silva, Cleudilene Vieira da Silva e Silva, Deuzinete da S. S. Damasceno, Edmilson Ferreira da Costa, Elane Nascimento Silva, Elizangela Dourado de Lima, Elsivan Nascimento Silva, Filomena de Sousa, Iracema Vieira Félix, Jaqueline Souza Neves, Joana Alves de Souza, Jucilene Rodrigues de Souza, Leudilene Araújo da Conceição, Luciana de Sousa Silva, Luzia Domingas dos Santos, Manoel Bispo dos Santos, Margarida Vieira de Sousa, Maria Cleude Ferreira da Silva, Maria da Silva Lima, Maria das Graças Alves Araújo, Maria de Lourdes Félix Moraes, Maria Dinalva Ribeiro, Maria do Carmo Cardoso Santos, Maria do Socorro Cardoso Santos, Maria do Socorro S. Souza, Maria Elena Gomes Costa, Maria Evagelista Sousa, Maria Martins das Neves, Maria Martins das Neves, Maria Martins de Souza, Maria Rita de Sousa, Maria Romana Pereira do Nascimento, Maria Zenaide Milhome da Silva, Mirian de Sousa Silva, Naslan Gomes da Silva, Patrícia Helen Carvalho da Silva, Pedro de Sousa Barbosa, Raimunda Alves Costa, Raimunda Ferreira da Silva Marinho, Raimundo Pereira, Rosa dos Santos Silva, Roseane Ferraize Trindade, Roselice Rodrigues da Silva, Sebastião Ferreira da Silva, Zilda Rosa da Conceição Silva**

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará, PA, 5/coordenação do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Rita de Cássia Pereira da Costa ... [et al.]. – Manaus : UEA, 2014.

12 p.: il. color.; 27 cm. (Projeto Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial; 5)

ISBN 978-85-7883-277-3

1. Conflitos sociais. 2. Coco babaçu – Pará. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Costa, Rita de Cássia Pereira da.

CDU 528.9:316.48(811.5)

Verifica-se no sudeste do Pará a ocorrência de babaçuais, em torno dos quais se dá a expressiva mobilização política das mulheres que integram o Movimento de Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB. Elas se organizam em grupos locais de mobilização política e identitária. Mas, as quebradeiras de coco babaçu ainda ressentem-se da invisibilidade de suas práticas sociais e produtivas na região e denunciam as ações que desmatam e devastam os babaçuais. Lutam contra o desconhecimento social e os interesses econômicos e políticos que negam a existência do babaçu e das práticas e interações sociais nos babaçuais do Pará. As quebradeiras resistem à recusa ao reconhecimento de sua existência, enquanto grupo social e às ações de devastação das palmeiras. Na oficina de mapa foram registradas as dificuldades que marcam a história social, de suas lutas e reivindicações. O sul do Pará, nas extensões que o ligam aos estados do Tocantins e Maranhão, destaca em sua paisagem os babaçuais nativos e de floresta secundária, em diferentes estágios classificatórios. A tipologia dos babaçuais encontra-se relacionada à ação dos agentes sociais no território e bioma de seu crescimento espontâneo. O Sudeste do Pará apresenta babaçuais recentes (as pindovas), jovens e adultos. Em condições, de intenso brotamento, espaçados, densos, ou manejados por raleamento. Além dos babaçuais desmatados ou em processo de devastação, por derruba, corte e envenenamento da palmeira, como denunciam os agroextrativistas na autocartografia, tem-se um frequente brotamento de palmeiras e a formação de pindoal.

## Babaçuais e outras florestas do sudeste do Pará

### *O desmatamento e a devastação*



“Na Palestina pra pegar o babaçu não precisa caminhar um quilometro. É só sair dentro da rua, entrar nas Quintas tá dentro do babaçal. Derrubaram muito, mas, ainda tem muito babaçu. Pra qualquer lado que a gente sair, sai dentro do babaçal. Se pra cá (São Domingos do Araguaia), se é pra Araguatins, sai dentro do babaçal.”  
MARIA ROMANA PEREIRA DO NASCIMENTO

“Falar do desmatamento! E, a gente não tem força, porque quebradeira de coco é poucas que tem a terra – quando a gente trabalha colhendo coco na terra do fazendeiro, né. Então eu dizia pra muita gente: quando... a região que eu moro não era vista, não tinha fazendeiro, a gente vivia lá tranquilo. Quando o fazendeiro chegou, e o incentivo pra criar gado e plantar capim, entrou um grande conflito na nossa vida. E, hoje, hoje, o coco tá longe! Pra entrar na terra do dono tem que pedir licença, passar por de baixo do arrame. Tem de fazer um monte de coisa. E, as consequências que vem? Que não tem mais mata.” CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA

“Raleado! Porque aqueles novo, que eles não derrubaram, nem botaram remédio pra matar, esta cacheando!” MARIA ROMANA PEREIRA DO NASCIMENTO

### *Babaçu no domínio das fazendas é utilizado na produção de ração animal, carvão e cerâmica*

“Além do desmatamento, mas, ainda tem muito babaçu. Só que tá longe! Pra gente sobreviver tá difícil, porque... há, têm três (situações): tem a ração animal! Estamos perdendo o coco inteiro. Que a gente pega o coco inteiro tira a massa! Da massa tira a amêndoa e, solta a casca pra fazer o carvão. A máquina da ração animal pega o coco inteiro, que nós tira a massa – nós faz três produtos e ela só faz um: a ração animal. Quebra ele inteiro com tudo e vira ração. Carvoeira queima também o coco mais velho,



**Cledeneuza na sede do MIQCB, em Santa Rita**



Babaçual, na estrada da vila São Raimundo

**BABAÇUAL RALEADO:** *manejo que visa desbastar as árvores para a melhoria da produção ou fim de consorciá-la a outras atividades produtivas. Um babaçual mais que raleado já consiste num processo de devastação, o que ocorre detrás da justificativa de raleamento, por parte dos que detêm o controle sobre as terras de babaçuais. E, através de corte, derrubada e envenenamento da palmeira.*

o coco verde não queima bem, né. Então, a siderúrgica não recebe o carvão do coco verde, então nós ainda tem uma oportunidade. E, a cerâmica pega tudo e põe lá no pátio pra secar e queimar.” CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA

“Vou falar um pouco (...), que eu sou da Palestina. É que a Palestina tem pouco! A Palestina tem coco, só que é bolinha assim, né. Onde tem coco mais mesmo é distante. E, (...) sobre que a Dona Romana tá dizendo que o povo não empata derrubar..., quebrar, até é verdade, mas, tem: hoje a maior parte quer vender o coco! Vender o coco inteiro – os fazendeiros! Porque tem a cerâmica que compra o coco a R\$ 2,00 o saco. Então, hoje ninguém mais quer dar. Vai botar um cara pra juntar lá a R\$ 1,00 o saco, e vende pra cerâmica. Tem essa coisa! O coco que o povo não importam, mas, é um pouquinho, pouquinho lá, por lá. Mas, onde tem muito mesmo, como (...) lá pra Ouro Preto, tem um povo ajuntando pra vender.” MANOEL BISPO DOS SANTOS



Reunião preparatória à Oficina de mapas, em São Domingos do Araguaia



Maria Rita, Manoel Pereira Santana e Cledeneuza. Audiência Pública na câmara municipal de São Domingos do Araguaia

“Acabaram as castanhas, acabaram com madeira de lei e, agora estão acabando com o babaçu. E, tem outra coisa, o pouco que tem, nós vamos disputar com a carvoeira, com a cerâmica, que queima coco inteiro. E o que fica pra nós? Não tem dinheiro para pagar carro para trazer de lá – dentro, donde nós colhe – para botar no barracão. Então a gente ganha a menor fatia do que a natureza nos oferece.” CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA

### Grupos de Mulheres e organização do trabalho

“... Um, no 21 de Abril, um Grupo em Santa Rita, três Grupos em Brejo Grande (...) – um em Santa Rita, um em Itamerim e São Raimundo. E, um que é o grupo São Domingos, é um do São Benedito e um da vila São José. Agora nós tamo formando um novo lá na Ponta de Pedra do Araguaia.” CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA

“... Eu ainda enfrento sempre o coco. Hoje tá com dificuldade em tudo. Ainda passei por um momento difícil. A minha vista, hoje eu to enxergando só de um olho (...), mas, tô por aqui. O que eu fazia antes, só tem um trabalho do coco que eu não faço, que é torrar o coco. Porque

depende de muita quentura, né, e eu não posso mais mexer. Mas, tudo serviço eu faço apesar da dificuldade. É um serviço que sempre eu falo que enquanto eu puder eu vou tá enfrentando, porque foi como eu criei meus filhos – foi quebrando coco. Porque não tinha outro ramo de vida, aí foi quebrando coco. Com a idade de nove anos, porque não tinha meu pai, não tinha minha mãe pra me dar as coisas, né. Pra cuidar de mim, aí foi quebrando coco, até...! Agora eu tô aqui, graças a Deus, faço parte da Associação da vila São José.” ZILDA ROSA DA CONCEIÇÃO SILVA

“... Criei minha família quebrando coco. Hoje eu não quebro mais porque tenho um problema muito sério, mas, eu ando no movimento, eu acho muito bom. Lá em casa eu tiro azeite, meu marido quebra, torra e eu apuro, mas, eu não quebro. Mas, foi como eu criei minha família foi quebrando coco.” MARIA HELENA GOMES COSTA

“Na comunidade trabalha em grupo. São um grupo de seis pessoas, pode contar quando chegar a hora delas conversarem. Elas vão dizer como é que elas se sente hoje. A participação delas mudou. E, a perseguição aumentou também, ela falou assim: ‘ele não vai dar o coco, porque diz que a gente vai denunciar ele.’ Ele não entende que se ele não der o coco, vai ficar mais fácil a denuncia. Não entende, que o coco é livre e a gente pode pegar. O que, que a gente quer denunciar quem tá conservando alguma coisa? Agora a gente vai denunciar quando ele está destruindo, é isso que ele tem que entender!” CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA



Oficina de mapas na comunidade Santa Rita

## Cantigas das “encantadeiras”: o cotidiano e a mobilização

### O Canto das quebradeiras de coco babaçu

#### CANTIGA DAS QUEBRADEIRAS – 6

*Marido, eu quero um vestido, daquela fazenda azul! (bis)  
Se você não tem dinheiro vá quebrando o babaçu. (bis)*

*No Tocantins – tem quebradeira  
No Piauí – tem quebradeira  
Lá no Pará – tem quebradeira  
E no Maranhão – estão as quebradeiras (bis)*

#### GRUPO

*Chama o grupo, chama o grupo novo do MIQCB.  
Vamos quebrar coco, vamos quebrar coco para nós crescer.  
Tira o mesocarpo, tira o mesocarpo pra nós se alimentar.  
Tira o azeite, tira o azeite pra negociar.  
A Iracema tira o mesocarpo e Dona Maria tira o azeite;  
Cledeneuza faz o sabão e a Edna o sabonete.*

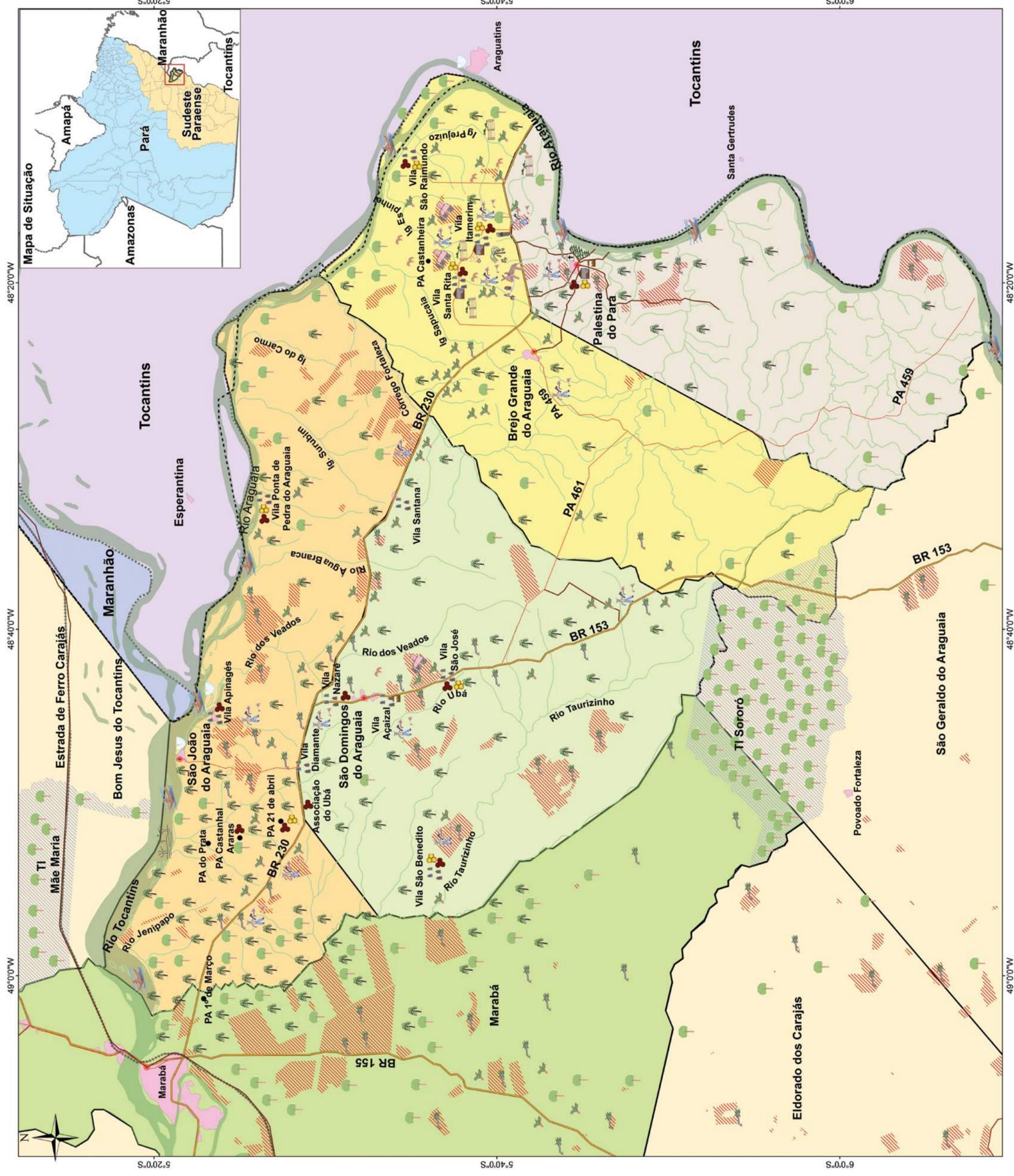


Iracema Vieira, quebradeira de coco e encantadeira-compositora



Dança no início da Oficina de mapas na Comunidade Santa Rita

# Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas no Sudeste do Pará



## Legenda

- ### Organização Social
- Vila
  - Projeto de Assentamento
  - Associação das Quebradeiras de Coco Babaçu
  - Outras Formas Associativas
  - Associações e Grupos de Mulheres

### Lugares Históricos

- Porto (Escoamento do Coco Babaçu)
- Cemitério

### Atividades Produtivas e Tradicionais

- Coco Babaçu
- Pindovas
- Quebradeiras de coco
- Cateira
- Pescador
- Transporte de coco babaçu

### Conflitos Socioambientais

- Carvoeira
- Babaçuais devastados
- Fazenda
- Desmatamento das palmeiras
- Desmatamento das palmeiras pelos fazendeiros
- UHE-Marabá
- Chapadão (Babaçuais devastados)
- Cerâmica
- Vegetação (Floresta)
- Envenenamento das Pindovas

### Convenções Cartográficas

- Brejo Grande do Araguaia
- Palestina do Pará
- São Domingos do Araguaia
- São João do Araguaia
- Marabá
- Sudeste Paraense
- Estado do Pará
- Estado do Tocantins
- Estado do Maranhão
- Terra Indígena
- Áreas Desmatadas
- Área Urbana
- Rios e Igarapés
- Sede Municipal
- Rodovia Federal
- Rodovias estaduais
- Estradas e Vicinais
- Limite Estadual
- Limite Municipal
- Ferrovia de Carajás

1: 145.000



### Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Sistema de Coordenadas Geográficas: LAT/ LONG  
 Carta Topográfica Digital - DSG - DATUM - SIRGAS 2000  
 Unidade: Grau  
 Fonte: IBGE, 2007/ Trabalho de campo/Croqui/ Oficina, maio e junho de 2013  
 Equipe de pesquisa: Rita de Cássia Pereira da Costa; Rosa Elizabeth Azevedo Marin;  
 Cristiano Bento da Silva; Mayka Danielle Brito Amaral  
 Pontos de GPS: Rita de Cássia Pereira da Costa; Mayka Danielle Brito Amaral  
 Produção: Rita de Cássia Pereira da Costa  
 Cartografia: Thiago Alan Guedes Sabino  
 Data: Janeiro/2014.



## Dificuldades e reivindicações

### Trabalho, saberes tradicionais e luta contra o desmatamento

“A nossa dificuldade aqui é que nem o seu Benício falou que, é... os fazendeiros. A maioria deles derrubam mesmo. E, principalmente, aqui perto. Eles derrubam tudo. A gente as vezes fala assim! A gente não chega neles e, não fala pra eles, só fala assim, né! (...) a gente não tem coragem também, né, de falar mesmo pro fazendeiro, né – a gente tem medo. E, eles pegam e derrubam. A gente fica com dó, mas, não pode fazer nada né. E, aqui perto tem essas palmeirinhas por aí sabe, mas (...) já tem uma mulher que já ajunta lá né (...) Aí eu sou do movimento, quero quebrar coco, mas, o coco tá longe, longe, né. Aí não tem como eu ir lá sozinha...” ELSIVAN NASCIMENTO SILVA

“Tem uma carvoeira também. Não é uma carvoeira, é uma cerâmica. Ele compra o coco. Compra o coco, né. E fica lá aquele montão de coco (...) cada vez, cada ano, cada mês tá ficando mais distante o coco. A nossa maior dificuldade é porque o coco tá ficando longe pra nós. Eles tão derrubando mesmo...” CLEUDILENE VIEIRA DA SILVA

“Ela falou a respeito que o cara lá – ‘deu o coco pra nós quebrar’. Mas, eu não achava assim tão interessante. Porque você ia lá, e você tirava só o coco – sendo se nós pudesse e o coco fosse pra nós mesmo ajuntar, que nós aproveitava a casca, nós aproveitava o mesocarpo e outra coisa também. Lá, tem que ter mulher pra cima pra poder quebrar esse coco todinho. Aí nós ia passar a vida toda: empalhava, nós quebrava aquele que prestava, rachava aquele que não prestava. De qualquer maneira nós tinha que rachar ele todinho. Aí no final quem perdia era nós.” JUCILENE RODRIGUES DE SOUZA

“Na comunidade onde eu moro a dificuldade que existe é: porque ao redor da vila todinha só é fazendeiro. Então, eles pode até conhecer a lei da maneira deles. Se a gente chegar pra pedir, e juntar ali um coco e quebrar, eles vão dizer não, não pode por causa disso e disso. Sendo que a gente pode está recolhendo aquele coco pra quebrar na associação – porque nós temos uma associação. Só que a dificuldade é grande mesmo pagando pra recolher, eles não querem. Porque, hoje em dia também, eles estão querendo queimar o coco inteiro. Então, tu vai perder tanto a massa, como o coco mesmo em si.” MARIA DE LOURDES MORAES



Quebradeira de coco de Palestina do Pará, que caminha cerca de 5 km para colher babaçu



Quebra do coco babaçu na vila Itamerim



Torração da amêndoa para retirada de azeite de babaçu

“A nossa realidade não é diferente. Lá no Itamerim a gente é rodeada de fazendeiro. Aonde a gente vai catar coco, tem muito que não dar, porque dizem: ‘não nós não vamos dar o coco não, porque vocês são quebradeiras, podem nos denunciar e pode vir alguma lei que venham proibir nós de derrubar o babaçu.’ Porque eles sabem que existe a lei. Não cumprem é, porque são desumanos, né. Porque eles acham que eles não precisam e também não estão nem aí pro ser humano. Então, já tem uma carvoeira lá, que já compra o coco do fazendeiro e queima o coco inteiro. Isso é um grande problema já, né, pra situação da gente lá. Então, isso é um problema grande pra nós, porque tá faltando o coco já, tanto pra gente quebrar, pra tirar a massa, porque eles não dão, pra vender pra carvoeira. E, a gente como não tem dinheiro, né, pra comprar – claro que eles não vão deixar de vender pra nos dar. Então, pra mim isso é uma grande dificuldade que nós enfrentamos lá na vila.” MARIA RITA DE SOUSA

“... A gente que mora no interior, tem filhos que (...) estuda na zona urbana, porque na zona rural tem muita dificuldade com transporte. E, a dificuldade das pessoas pra sair, da zona urbana pra ir pra zona rural. Porque não tem estrada, transporte é muito dificultoso, né. Aí, de deixar os pais a pensarem: ‘eu vou tirar meu filho daqui, vou colocar ele na cidade, porque lá a educação. A condição de vida é melhor.’ E, ele vai ser um advogado, engenheiro. Aí ele esquece o que? As raízes, né. Esquece de dizer assim: eu sou filho de pequeno agricultor, eu quero isso pra pegar o conhecimento daqui pra levar minha comunidade. Ele esquece! Então, esse curso que a gente fez, (...) era pra enriquecer cada vez mais a nossa comunidade, onde a gente mora. Ou seja, levar o conhecimento de dentro da escola, levar em prática, tanto, não só no lote, mas, na terra...” MARIA DE LOURDES MORAES

**QUEBRA DE MEIA:** trabalho na quebra do coco babaçu, em que a amêndoa fica com a quebradeira e a casca com aquele que detém o controle sobre as áreas de babaçuais, em geral o fazendeiro, que a destina a produção do carvão. Essa forma de trabalho é justificada pelo fato de não haver a queima do coco inteiro. Entretanto, as quebradeiras realizam um trabalho extra do qual não podem usufruir. E, nessa situação o acesso ao babaçual fica condicionado à relação de trabalho.

**SABERES, PRÁTICAS TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO:** as quebradeiras reivindicam uma ação mais incisiva contra os desmatamentos e a devastação dos Babaçuais e o fortalecimento da organização política, identitária e as práticas agroextrativistas. E, à estas ações de incentivos integradas, com foco para educação e ambiente. Assim, a escola deve contribuir para a valorização da identidade, dos saberes e práticas tradicionais, ou continuará contribuindo para invisibilidade das quebradeiras ao desconsiderar a realidade local. E, dizem: “nossos filhos não vão saber nem quem são as quebradeiras.”

## Oficinas de mapas e reuniões realizadas no Sudeste do Pará

### Os babaquais e disponibilidade do coco

“Aqui nesse mapa nós nos localizamos, em quatro municípios – do que a gente trabalha – São João, São Domingos, Brejo Grande e Palestina e, também a Nova Ipixuna (...) Aí, então, a gente foi falando das ameaça que tem – são iguais. Só uma diferença que vocês vão ver aqui, que São Domingo não tem e, tem outro tipo, né? Então, aqui é..., São João, Brejo Grande e Palestina sofre uma grande ameaça com a questão da hidrelétrica. E, ... vem pra todos a derrubada das palmeira. Vem o envenenamento das pindova. Vem a queima do coco inteiro. Aí, aqui o arrastão com o trator, que passa assim, limpando a volta e deixa as palmeiras em pé, mas quando vem o vento – aí as palmeira tão com as raízes descoberta, pelo trator que cavou – e cai as palmeira. E, vem também a entrada do eucalipto que já tem ali perto do Igarapé dos Veados, já. Uma grande plantação que tá chegando lá na OP 1, do outro lado lá, né. E vários lugar (...) Aí pensando na (...) agricultura o que é que acontece? O envenenamento das terra, porque joga veneno, aí não dar pra plantar mais arroz, feijão. A gente planta e não tem produção...” CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA

“Aqui é a Santa Rita. Aqui é casa da associação das quebradeiras de coco – que existe aqui dentro da Santa Rita. Aqui são as palmeira, que têm – em redor da vila, da Santa Rita. Tem o campo de bola, tem a escola. Aqui é uma caieira, onde as mulher faz o carvão. Aqui é fazenda, em redor da Santa Rita. Aqui é o Assentamento Bom Jesus – onde (...) vai lá pro Itamerim. Pra cá vem pra fazenda Olho D’água, uma fazenda muito grande lá. Tem coco nessa fazenda Olho D’água. Tem muitos moradores lá dentro. E, bem aqui fica o Brejão. O Brejão, lá é uma Vila, né. Lá tem muito coco também, lá no Brejão, mas, mais é fazendeiro em redor.” MARIA RITA DE SOUSA

“Ali a gente fez o mapa. Nós, lá, a nossa vila (São José), ela é cercada de fazenda, que os fazendeiro não importa que a gente pegue o coco, só a nossa dificuldade lá é porque eles estão derrubando o coco, entendeu? Aí tá ficando longe, aí fica mais difícil pra gente, porque muita das vezes marido não ajuda e a gente vai só. E, não tem como quebrar dentro da quinta, porque tem gado, as vezes, é vaca parida, né?. E, é muito perigoso, e também as pessoas pegam o coco inteiro para fazer o carvão.

Aqui fica a BR (153), porque aqui, eu já não fiz a vila, né? Porque, lá, agente já fez no outro mapa, não é? Aqui tá a Vicinal, aí aqui tem as fazenda (...) Aqui eu coloquei o jerico e o trator, que ele... tem a fazenda e que tá de-

### XOTE DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

*Hei não derrube essa palmeira,  
hei não devore os palmeirais  
Precisamos preservar as riquezas naturais.*

*O coco é para nós grande riqueza, é obra da natureza, ninguém vai dizer que não, porque da palha se faz a casa pra morar, já é um meio de ajudar a maior população.*

*Se faz o óleo pra temperar comida, é um dos meios de vida pra os fracos de condição, reconhecemos o valor que o coco tem, e a casca serve também pra fazer carvão.*

*Com o óleo do coco as mulheres caprichosas fazem a comida gostosa de uma boa estimação. Merece tanto seu valor classificado que com o óleo apurado se faz o melhor sabão.*

*Palha de coco serve pra fazer chapéu, da madeira faz papel, inda aduba o nosso chão. Talo de coco também é aproveitado, faz quibano e cercado pra poder plantar feijão.*

*A massa serve pra engordar o porco, tá pouco o valor do coco, precisa dar atenção. Para os pobres esse coco é meio de vida, pisa o coco Margarida e põe o leite no capão.*

*Mulher parada deixa de ser medrosa, seja um pouco corajosa, segura na minha mão. Lutemos juntos com coragem e com amor pra o governo dá valor a nossa profissão.*



Pindoal em crescimento na pastagem

**PINDOVA:** árvore jovem da palmeira babaçu.

**PINDOVAL:** área de ocorrência das pindovas. Essas novas plantas passam por acentuada devastação, pelo uso do fogo na renovação das pastagens em certas épocas do ano.

*E, sobretudo, pelo envenenamento através de agrotóxico utilizados para extirpar as árvores neste estágio de crescimento, como ocorre no Sudeste do Pará.*



Elaboração e apresentação de croquis na reunião preparatória

vastando o babaçu – com o trator. Aí também que tá aí estas pindovinha, eles põem o veneno e, tão morta aqui. Esta secando, tá seca. E, aqui mais na frente tem pequenos proprietários. E, aqui é a Vicinal Almescão 1 – pequenos proprietários também. Tem a vila Cacau. E desse lado aqui tem a fazenda (...) também que eles mata as pindova. E, também tão devastando o babaçu. E, mais aqui na frente tem a fazenda (...), também é pouco babaçu que tem. E, as pindova que têm eles também colocam veneno. Logo depois vem o Cuxiú – tem bastante babaçu. E, aqui do outro lado tem o assentamento Agua Fria. Aí tem o rio Taurizinho e esse lado aqui – aqui fica São Domingos. E, aqui é a vicinal 44 que vai para São Benedito – a vila São Benedito. E, esse azul aqui é a Ubá. E, pra chegar no São Benedito tem o rio Gameleira, né – rio Gameleira. E, aqui logo depois de São Domingos, aqui tem a vila Nazaré. Depois tem o cocal ai vem a, o quilometro 48.” CLEUDILENE VIEIRA DA SILVA

## Terra e o território: reserva, assentamento e acampamento

### Áreas de coletas do coco e do cultivo de roça

“Aqui a Igreja católica. Aqui o bar (...) Aqui a associação da Ponta de Pedra do Araguaia. Aqui o cemitério. Aqui o rio Araguaia. Aqui uma rua, né. Aqui tem um lago que chama, (...) Lago da Venância. Aí tá também um grande cocal (...), ainda não invadimos, estamos prestes a invadir. Porque os dono daqui tão dizendo assim: ‘há que agora vocês vão ter que comprar os coco nosso.’ Não, nós não vamos comprar o coco deles. Eles vão ter que fazer uma negociação com nós, pra nós quebrar juntos, né. Aí aqui tem muito coco. Aí aqui já tem um pouco de desmatamento, mas, pra cá tem muito coco. E aqui também é uma área de desmatamento, mas, tem muito coco.

... O fazendeiro segurou o pessoal, o presidente da associação dos Sem Terra segurou o pessoal do lado de fora das terras. Então não tem como ter produção – muita. Mas, alguns que vai lá, um dia: planta um pezinho de mandioca, um pezinho de macaxeira, um pezinho de abóbora, e assim vai sobrevivendo. Mas, tão fora da terra, né! Tão acampado na Vila, Ponta de Pedra.” ROSELICE RODRIGUES DA SILVA

“... A Serra do Rosa é um lugar que nós tamo aguardando, um dia receber. O que o povo vai dar pra nós quebradeira (...) Nós nunca perdemo a fé. Nós tamo aguardano. Nós nunca perdemo a fé nessa terra, tanto é que um dia nós recebe ela.” MARIA MARTINS DE SOUZA

“Lá tem a questão do patrimônio que a gente luta para que seja (...) pras mulheres trabalhar. Desde o início é uma proposta que muitas já morreram e, morreram levando dentro de si a tristeza de que não conseguiu uma coisa que foi uma bandeira de luta do início. Não conseguimos! Lá tem uma área que é cento e poucos alqueiro e essa área naquela época foi solicitada pras mulheres trabalhar, botar seus filhos, tirar sua produção, tanto tem a parte pra fazer roça e tem o babaçal.” CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA



Croquis de mapas elaborados pelos participantes da Oficina de Santa Rita



Maria Martins de Souza e Canuta Ferreira do Nascimento

## DAS "TERRAS QUE NÃO ERAM DE DONO" ÀS TERRAS DE DONO

Os agroextrativistas envolvidos no processo de autocatografia e construção de mapas argumentam que as terras na região eram de livre acesso para as práticas agrícolas e extrativas, mas, ao longo do tempo foram transformadas em propriedade privada, e hoje, a maioria das "terras são de dono". Desse modo, há os agroextrativistas que conseguiram se estabelecer em lotes nos Projetos de assentamentos e outros que se encontram acampados ou nas bordas das áreas de vilas.

"... Agora porque lá, a nossa reserva lá é pouca sabe, é pequena! Aí o INCRA disse que não dá pra fazer, é para desapropriar pra nós. Aí tá lá pra crescer mais. Tem um, dois, três fazendeiros que tá com essa terra lá! Aí na época que eu entrei, que queriam pra vender pra nós, a gente negociou bem com ele foi o documento pro INCRA. O INCRA falou que não, que não dá pra desapropriar porque (...) é pequena, mas, só que lá tem muito coco, por lá. Aí nisso quietou..."

... Era o uso das quebradeiras, a reserva era das quebradeiras, pra nós todas as quebradeiras trabalhar lá dentro. Nós trabalhava, mas, não podia queimar, não tinha queimada. Era trabalhar na terra, mas, sem queimada, quebrar o coco, trabalhar lá dentro. Mas, aí nós nunca trabalhamos. Mas, nós nunca conseguimos. Mas, nós têm a fé de consegui lá ainda." MARIA MARTINS DE SOUZA

"Então a quebradeira de coco, além da derrubada das palmeiras, agora, do resto que ficou ainda não temos o direito porque as terras são de dono. E, porque apareceu mais condições pra aquele produto que não tinha valor. Então nós tomamos nesse meio aí. Aí é que vem compreender o estudo, né. De uma quebradeira antes! 'Eu sofria tanto e agora que as coisas estão mais fácil!' Fácil o que? Fácil o valor do nosso produto! Fácil por nós ter alcançado o mercado! Mas, agora tá mais difícil nós conseguir força pra colocar o produto perto da gente." CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA

## Babaçu livre: lei, reivindicação de aprovação e de aplicação

São Domingos do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia, São João do Araguaia e Palestina do Pará

"Foi aprovada e sancionada, né. Ela tá em vigor, basta eles querer cumprir. Mas, ela tá – a de São Domingos. Agora a de Brejo Grande ela tá na Câmara, até foi falada agora sexta-feira, quando nós nos reunimos – que os vereadores tavam lá, eles disseram que vão procurar conhecer melhor que ainda não conhecem. Então, eles vão procurar conhecer, (por) que era outros vereadores. E, também pediram se a gente vai fazer alguma reforma, né, que faz tempo que ela foi escrita, né (...) Então eles vão olhar ela lá. Então o que a gente tem que fazer (é) com que eles possam olhar e vir a fazer, fazer a aprovação deles, né. Eles sabem, né, que não é do interesse, né. Porque a maioria dos vereadores, eles não valoriza isso mais (...) E, São João do Araguaia, a mesma coisa, foi entregue, até perdeu a cópia que nós demos pra eles. Entregamos outra mais aí é a mesma coisa. É cobrar, e mais cobrança do que a gente já tem lá. Não foi aprovada, acho que não fizeram estudo, não fizeram nada. E,



Elaboração e apresentação de croquis na Oficina de mapas de Santa Rita, e Dona Romana expando o trabalho



Palestina que é uma coisa mais especial (...) Porque Palestina alega que tem uma lei antiga, mas, que não faz nada pelas quebradeiras, né.

Nós fizemos (...), uma audiência convidamos toda autoridade do Brejo pra ir a Santa Rita pra gente conversar sobre o problema de Santa Rita, né, e a questão do MIQCB. Aí lá a gente retornou, o secretário de agricultura, meio ambiente, secretário de saúde, de educação, tinha um representante da educação. Então com eles a gente fez a conversa sobre nossas demandas, né, que a gente tem. Ah! É, frisamos a questão das leis pros vereadores – só foi dois vereadores, mas foi bom (...) Então pelo que eu entendi, né, que nós tem que apresentar de novo a lei pra eles, pra poder dar entrada. Eu acho ser a mesma coisa em São João, apresentar de novo. Apresentar em Brejo Grande, apresentar em São João, apresentar em Palestina. E essa questão que diz que já existe, mas, também apresenta de novo." CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA

## Os produtos e a utilização do babaçu

### Mesocarpo e as indicações culinárias e medicinais das quebradeiras de coco babaçu

"... Hoje em dia, têm várias mulheres, hoje, trabalhando. Tem delas – que nem ela falou, tá cansada – trabalhou a vida inteira, sustentou filho, talvez até neto, quebrando coco, não é isso! Então, pra isso tem que chegar a conversar com eles e explicare, da necessidade da mulher: é do coco babaçu! Porque de lá vem o mesocarpo, vem o azeite, vem a massa, que é pra alimentar o filho – não precisa comprar. Eu acho que falta de informação também é a base deles. Porque pra eles, não: 'derrubar a gente resolve, vamos plantar capim!'" MARIA DE LOURDES MORAES

"... As mulheres do Itamerim elas podem falar como é que a vida delas, do dia em diante que elas, (...), é dois anos que elas encararam a participar, trabalhar, se motivaram. Elas têm uma renda, não é tão grande, mas, elas não tinham nada. Elas vendem, dentro desses dois meses elas já venderam mais de 100 litros de azeite – se eu não tiver enganada, acho que já chegou a 150. Agora parece que vai chegar a 200. E, esse azeite tá caro, mas, o povo consome, porque já tem muita gente entendendo que esse produto é puro, é classificado." CLEDENEUZA MARIA OLIVEIRA



Alimentos produzidos a partir do coco babaçu – biscoitos, bolos, cocadas, pudim, mingau e azeite

### CONTATOS

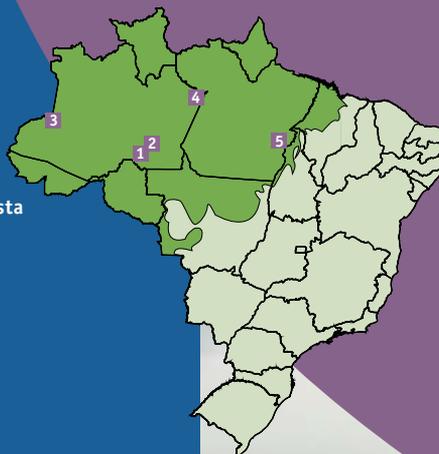
MIQCB REGIONAL PARÁ  
Rua Acrísio Santos 397  
CEP São Domingos do Araguaia  
regionalpara@miqcb.org.br  
telefones 94. 3332-1922 9157-1806



PROJETO  
**Mapeamento  
Social**

QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU  
E AGROEXTRATIVISTAS  
DO SUDESTE DO PARÁ

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativista do Sudeste do Pará



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



REALIZAÇÃO

CIMQCB  
Grupo de  
Mulheres  
Quebradeiras de  
Coco Babaçu

APOIO

